

DARNTON, Robert. *Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII*. Tradução Rubens Figueiredo. 1ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 228 p.

Evander Ruthieri S. da SILVA*

“*Monstre dont la noire furie*”: único verso remanescente de uma poesia satírica confiscada pelas autoridades parisienses, em meados do ano de 1749. O poema entrelaça-se aos ataques públicos realizados contra a “fúria negra” do rei “monstro” Luis XV, intensificados após o monarca demitir e exilar o conde de Maurepas, até então ministro da Marinha e personagem de grande influência na corte. Dos arquivos franceses emergem os fragmentos da rigorosa operação policial responsável por apreender uma série de outros poemas que criticavam diretamente o rei e sua amante, Madame de Pompadour, por intermédio da multivocalidade social e de “uma cacofonia de sedição adaptada em rimas” (DARNTON, 2014, p.17). O superintendente geral da polícia mobiliza uma contextura de espionagem infiltrada nas tortuosas ruas da Paris pré-revolucionária e conduz uma série de interrogatórios e prisões nas semanas seguintes, com o afã de cercar a enigmática autoria do poema difamatório que desencadeou a austera operação. O incidente, conhecido nos anais das autoridades policiais parisienses como o “caso dos Catorze” (*L’Affaire des Quatorze*), em referência ao número de estudantes e abades encarcerados pelo seus envolvimento com os ataques mordazes perpetuados em papel e letras, é o fio de Ariadne para outra investigação, promovida de modo instigante pelo historiador norte-americano Robert Darnton em seu livro *Poesia e Polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII*, editado e publicado no Brasil pela Companhia das Letras (2014).

Diretor da biblioteca da Universidade de Harvard e reconhecido no campo da história do livro e do universo literário na França do Iluminismo, Robert Darnton recentemente participou do ambicioso projeto que deu contornos à *Digital Public Library of America*, com o intento de disponibilizar digitalmente amplo acervo bibliográfico oriundo de diversas instituições universitárias e bibliotecas norte-americanas. A trajetória intelectual de Darnton denota uma atenção particular à história da cultura escrita no século XVIII da França pré-revolucionária, relacionada à produção, difusão e recepção de livros e outros impressos. Este esforço analítico vislumbra-se no conjunto de suas pesquisas e publicações, as quais incluem um cauteloso olhar às desventuras editoriais que cercam a consolidação do projeto iluminista da Enciclopédia

* Doutorando em História - Programa de Pós-Graduação em História - UFPR - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR - Brasil. E-mail: evander.ruthieri@gmail.com

em *O iluminismo como negócio* (Companhia das Letras, 1996). Além de textos libertinos, narrativas pornográficas e biografias escandalosas analisadas pelo historiador em *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária* (Companhia das Letras, 1998), em *Boemia literária e revolução* (Companhia das Letras, 1987), Darnton delinea o perfil de editores e livreiros, da edição e da sedição, ao seguir os rastros do submundo da literatura setecentista a partir dos riquíssimos arquivos da *Société Typographique de Neuchâtel*. Entre as ações de subliteratos, editores piratas e mascates de livros proibidos que escapam à censura do *Ancien Régime*, Darnton propôs-se a uma história social das ideias, com privilegio à análise da circulação e da difusão de textos e ideias a partir da “necessidade de situá-las com maior precisão num contexto social” (DARNTON, 2010, p.232).

O interesse de Darnton pelas dimensões políticas da maledicência fica demarcado em *O diabo na água benta: ou, a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão* (Companhia das Letras, 2012), no qual investiga as complexidades relacionadas à produção e circulação de libelos no submundo literário europeu. O debate estende-se à *Poesia e Polícia*, com ênfase nas circunstâncias de difusão e combate a canções, poemas e panfletos que “moviam-se para cima e para baixo na escala social, atravessavam fronteiras e se infiltravam em locais inesperados” (DARNTON, 2014, p.94). As trocas entre a cultura escrita e a oralidade, poesia e melodia, fornecem delineamentos para os objetivos de Darnton em sua obra, a saber, cercar o lugar do escárnio nas tramas políticas e na opinião pública, acompanhar o seu curso em distintos estratos sociais e problematizar a sua inserção nas redes de comunicação. Para tanto, o historiador norte-americano mobiliza suas atenções aos arquivos da Bastilha e à documentação produzida pela mais abrangente investigação policial, o dito Caso dos Catorze. Este *corpus* documental compõe-se dos poemas e dos dossiês produzidos pelos oficiais durante o *affaire*, ocorrido em meio a uma maré de descontentamento social que surge em distintos canais de interlocução, que variavam de poesias rascunhadas e mexericos palacianos às canções nas tavernas e nas ruas.

Munido da erudição que demarca sua atuação na historiografia e de intensiva apreciação empírica nos arquivos franceses, o escopo analítico de Darnton em *Poesia e Polícia* percorre os vestígios deixados pelas poesias difamatórias, rabiscadas em bilhetes confiscados dos bolsos de jovens escrivães envolvidos no caso dos Catorze. A partir de um olhar aguçado ao aspecto político do escárnio na Paris setecentista, o autor insere os poemas em uma densa rede que envolve os indícios fragmentários da palavra

oral, entre sons e sentidos, de um período de crise política sentida dentro e fora das vidraças do palácio de Versailles. Afinal, como destaca na introdução de seu texto, “jamais teremos uma adequada história da comunicação até que possamos reconstituir seu mais destacado elemento perdido: a oralidade” (DARNTON, 2014, p.8). Trata-se, portanto, de uma tentativa de preencher parte desta lacuna, de modo que a divisão de capítulos, dedicados aos inquéritos promovidos pela polícia parisiense durante o Caso dos Catorze, referencia constantemente as trocas orais, as dimensões políticas da maledicência, as consequências desastrosas para os acusados, a circulação de *chansonniers* na Paris setecentista, a musicalidade e a recepção dos poemas. Quanto à dimensão referente às reações dos contemporâneos ao *affaire*, Darnton a cerca por vias indiretas no décimo-terceiro capítulo, com atenção aos diários e às memórias escritas na época.

Dos arquivos pesquisados por Darnton surgem pistas sobre recitais clandestinos de poesia e as investigações conduzidas pelas forças policiais parisienses em seus esforços de perseguir os responsáveis pela difusão de tais textos. Cada prisão empreendida no fatídico caso gerava seu próprio dossiê sobre os comentários políticos que circundavam os poemas satíricos, transmitidos de mão em mão, entre abades e estudantes, em tiras de papel manuscritas, copiados e memorizados, declamados e impressos. Em nível metodológico, o escrutínio intensivo das fontes policiais produzidas no *affaire* requer cuidados, explicitados pelo autor no oitavo capítulo: “eles fornecem um registro dos crimes comunicados, não da criminalidade real, e não raro revelam mais sobre as opiniões da polícia que as do público” (DARNTON, 2014, p.59). Esta cautela está atenta às condições de acesso à produção das fontes e à natureza da documentação, sempre “ligada a uma situação de poder e, portanto, de desequilíbrio”, como bem afirma o historiador italiano Carlo Ginzburg (GUINZBURG, 2007, p 262).

Por extensão, a investigação de Darnton delinea as relevâncias da pesquisa histórica com fontes derivadas de inquéritos policiais. Trata-se de uma opção metodológica que se aproxima de trabalhos como o de Natalie Zemon Davis, a qual, de modos distintos, depara-se com as estratégias ficcionais mobilizadas nas cartas de remissão em *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI* (Companhia das Letras, 2001). As cartas de perdão, compostas em um esforço coletivo, fornecem-lhe pistas importantes sobre “as habilidades narrativas” que atuam “com persuasão realista e a favor de interesses próprios” (DAVIS, 2001, p.161). Darnton localiza um fenômeno histórico semelhante nas canções e nos poemas parisienses da

metade do século XVIII, pois eram comumente reelaborados, reescritos ou improvisados na baila de sua circulação, e assim capazes de suscitar um espectro amplo de reações entre ouvintes e leitores: “tudo, desde a indignação moral até o riso e o escárnio” (DARNTON, 2014, p.80).

A tonalidade destes exemplares da sedição apreendidos em no Caso dos Catorze (e inclusos nos generosos apêndices do livro de Darnton) varia, mas, em linhas gerais, repudiam o suposto comportamento covarde do soberano, ridicularizam as doenças venéreas, as origens plebéias e a aparência de Mme. de Pompadour, as excessivas farras da corte e acusam a falta de virilidade do monarca francês. Em geral, os poemas eram adaptados à melodia e à rima métrica de populares canções de amor, as quais eram convertidas em sátiras políticas, afinal, como afirma Darnton ao analisar a boêmia literária no Antigo Regime, “a crônica de adultério, sodomia, incesto e impotência nas classes altas pode ser lida como indiciamento da ordem social” (DARNTON, 1987, p.41). Não se tratam, todavia, de fagulhas que condicionam a revolução de 1789, portanto não há a intenção de apresentar conexões diretas entre o *affaire* e a queda da Bastilha. Isto porque o caso dos Catorze consiste em um incidente raro, mas profundamente revelador de determinantes subjacentes aos fatos, já que, “em sua forma mais radical, o apelo à opinião pública podia converter-se numa afirmação da soberania popular” (DARNTON, 2014, p.135).

Quanto aos catorze homens interrogados e apreendidos entre as celas da Bastilha, estes pertenciam à base das camadas médias da sociedade parisiense e, ao transmitirem e declamarem os poemas difamatórios inserem-se em circuitos de comunicação que passam a atordoar as autoridades policiais. Entretanto, se por um lado, as travessuras poéticas difundiam-se entre jovens intelectuais no clero e em meio às universidades parisienses, por outro, estavam longe de constituir reais ameaças ideológicas ao Estado francês. Os cortesãos já promoviam galhofas com poemas repletos de comentários maliciosos. Não havia nenhum ineditismo. Por isso, o problema emblemático com o qual o autor se depara está relacionado à importância atribuída pela polícia parisiense, sob a liderança do conde D’Argenson, em perseguir energicamente os responsáveis pela produção e pela difusão dos poemas, por meio de uma investigação que ultrapassa as ruas da capital francesa e ruma para o cerne da corte parisiense.

Ao seguir os rastros da poesia difamatória, Darnton conclui que parte dos poemas que circulavam em Paris tinha origens em Versailles. Faziam parte dos estratégias políticos que permeavam a corte francesa, na medida em que a insatisfeita

aristocracia faz uso das ácidas críticas partilhadas por outros setores da população, o que envolve a poesia de maledicência nas tramas do poder político, em redes de comunicação e de circulação cultural. Assim, “o caso dos Catorze foi mais do que uma operação policial; foi parte de uma luta pelo poder situada no coração de um sistema político” (DARNTON, 2014, p.41). Estes poemas difundiam-se e vigoravam em outras camadas sociais, eram adaptados e remodelados, evocavam o teor escabroso da vida na corte a partir de boatos, trocadilhos ou versos de escárnio, que comumente atacavam a amante real, Pompadour, e seus aliados políticos.

Darnton conclui que a paixão propulsora destas poesias de sedição é a indignação, sobretudo em decorrência de tensões sociais e desavenças parlamentares, acaloradas após a demissão do supramencionado Jean-Frédéric Phélypeaux, o conde de Maurepas, acusado de fazer uso de poesias e canções difamatórias para enfraquecer politicamente a influente Pompadour. O escárnio e a sátira manifesta nestes poemas evidenciam a força da cultura escrita, impressa ou livresca, bem como da oralidade, nas tramas do poder, sempre imersas em campos de força e em constante reclassificação. Isto decorre porque estes poemas difamatórios e *chansonniers* eram improvisados e adaptados em cafés, tavernas e bulevares, ou declamados por trovadores em meio a multidões, pois “a canção de circunstância era um veículo maleável, que podia assimilar as preferências de grupos variados e expandir-se a fim de incluir tudo o que interessava ao público como um todo” (DARNTON, 2014, p.83). Além disso, atuam como recurso mnemônico e fornecem, à inquirição histórica, substratos acerca dos fatos e circunstâncias em fins do Antigo Regime francês.

Da escrita à oralidade, um dos fios condutores da investigação de Darnton, segue os traços da noção polissêmica de *opinião pública*, repleta de implicações discursivas, epistemológicas e/ou sociológicas, mas, sem se curvar a modelos teóricos pré-estabelecidos, prefere formular sua própria operacionalização em âmbito empírico, por intermédio de estratégias, no mínimo, detetivescas. Embora não referencie Carlo Ginzburg, arrisco-me em cotejar esta opção com o seu “paradigma indiciário”, pois, ao estabelecer vínculos diretos e indiretos entre os múltiplos significados da poesia e da opinião pública, Darnton demonstra a capacidade do historiador em estabelecer “conexões, relações, paralelismos que nem sempre são diretamente documentados” (GINZBURG, 2011, p.73). Assim, o norte-americano afirma que gostaria de seguir a opinião pública “pelas ruas de Paris – ou, antes, uma vez que ela mesma ilude nossa compreensão, gostaria de rastrear uma mensagem pelos meios de comunicação da

época” (DARNTON, 2014, p.19), indicativo de uma escolha metodológica sugestiva de um olhar etnográfico ao escárnio setecentista. E o faz por meio de uma atenção a indivíduos até então anônimos que, infiltrados nas ruas da Paris setecentista, confraternizam em tavernas, aos cantos e algazarras, e compartilham, de modo sorrateiro, rascunhos de poemas repletos de maliciosos comentários, altamente indicativos das tensões sociais. Não obstante, não deixa de reinseri-los em dimensões culturais e sociais amplas, que envolvem as peripécias das autoridades parisienses em apreender os responsáveis pela circulação dos poemas e parte dos setores nobiliárquicos, que canalizam suas desavenças em versos e rimas.

A opinião pública permeia-se de paixões e contradições em torno dos fatos que transcorrem na esfera pública. Ao voltar seu olhar para as instâncias do poder político na França pré-revolucionária, Darnton afirma que na medida em que muitos filósofos e ministros deixam de compreender a opinião pública como um estado volúvel e de animosidade nas multidões, passam a entendê-la “como um tribunal dotado de autoridade para julgar e dar sentenças em questões públicas” (DARNTON, 2014, p.135). Entretanto, tal público não era mera abstração imaginativa de filósofos como André Morellet e Nicolas de Condorcet, mas sim “uma força que jorrava das ruas, algo já evidente na época dos Catorze e irreprimível quarenta anos depois” (DARNTON, 2014, p.143), em referência aos processos revolucionários ao final da década de 1780.

Trata-se, inegavelmente, de um mundo distinto de nosso século XXI, mas é justamente a proximidade entre o escrito e o digital, por intermédio das tecnologias de informação na contemporaneidade, bem como a centralidade da comunicação na experiência cotidiana da vida contemporânea, que provocam Darnton a pensar as redes de informação na Paris pré-revolucionária. Destarte, para leitores interessados na cultura escrita e livresca, entre a sátira e o escárnio, seus laços com a oralidade e sua inserção nas tramas de poder na França setecentista, *Poesia e Polícia* esclarece inúmeras questões sobre um período de particular instabilidade política. A opção metodológica e a escrita fluente de Darnton igualmente agradam aos leitores interessados em uma trama detetivesca, capaz de mobilizar, com certa dose de imaginação histórica, uma notável apreciação empírica e uma multiplicidade de lugares e figuras sociais. Se, por um lado, há uma ênfase limitada na recepção dos poemas, devido à condição dos documentos e à própria efemeridade das práticas de leitura, por outro, Darnton sucede em reconstituir parte do contexto setecentista a partir de um jogo de vai-e-vem entre os anônimos nas ruas, as ações das autoridades em apreender os poemas difamadores, os filósofos

preocupados com a opinião pública, as intrigas palacianas e os jogos da política no Antigo Regime. No caso dos Catorze, a rede de comunicação formada pelos envolvidos, entre poemas e canções, panfletos e mexericos, constitui apenas um pequeno segmento de um enorme sistema de comunicação que informava *Monsieur Le Public*, mas permite ao historiador, enfim, aproximar-se do cerne de sua investigação, qual seja: o peso político da difamação.

Referências

- DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Tradução Luis Carlos Borges. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *O diabo na água benta, ou a arte da calúnia e da difamação de Luis XV a Napoleão*. Tradução Carlos Alfonso Malferarri. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *O iluminismo como negócio*. Tradução Laura Teixeira Motta e Maria Lucia Machado. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Tradução Hildegard Feist. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII*. Tradução Rubens Figueiredo. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. Tradução José Rubens Siqueira. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Resenha recebida em: 04/02/2015. Aprovada em: 24/01/2016.